

Um crime na exposição

Francisco José Viegas

Advertência ao leitor

O cenário deste livro passa por ser o da Expo'98 e, por isso, como se assinala logo no frontispício, trata-se de um «divertimento» — publicado antes, semana a semana, no *Diário de Notícias*. No resto, tal como nos anteriores livros do autor em que atua a dupla Jaime Ramos/Filipe Castanheira, segue-se a regra e o aviso do costume: nomes de personagens são rigorosamente inventados. É essa a diferença, se existe, entre realidade e ficção, tema que largamente se pode considerar desinteressante para o leitor de romances, que — felizmente — nunca distinguiu muito bem uma coisa da outra. Esta história é, por outro lado, uma resposta aos que, lendo-a, entenderão que certas questões entre eles e o autor são respondidas — e outras não, o que é condição do nosso destino.

1

MESMO SE EXCLUÍRMOS AQUELE PEQUENO PORMENOR dos panos que o envolviam, sujos e manchados de sangue, e que depois viriam a intrigar a polícia, ninguém sabia explicar por que razão o terceiro dos cadáveres foi encontrado às primeiras horas da manhã, de rosto virado para a lama, junto do minúsculo e desajeitado pavilhão da Quirguízia. À primeira vista parecia um paradoxo, porque a Quirguízia ficara ali instalada por uma ordem da geografia e da política, juntamente com o Cazaquistão, a Ucrânia, a Arménia ou a Bielorrússia, e um cadáver, mesmo um cadáver anónimo como era aquele — seria anónimo pelo menos até ao princípio da tarde desse dia —, bem poderia escolher outro lugar para aterrorizar os funcionários da exposição. Podia, para já, ter escolhido um lugar à altura do acontecimento que protagonizava. Talvez não o *stand* dos Estados Unidos, gigantesco e branco, vigiado dia e noite por diligentes funcionários da segurança, por câmaras de vídeo que cobriam todas as entradas e saídas, mesmo a área em redor, onde os visitantes se juntavam com pressa de entrar. Talvez não o português, evidentemente. Nem o da Suécia, se tivermos em conta os problemas que poderia causar à própria exposição, que o tinha

em especial atenção, com as suas unidades ovulares prometendo simular uma estação do ano por cada uma delas, desde o rigoroso inverno nórdico ao verão seco mas mediterrânico, com temperaturas a cercarem os quarenta graus e a chegar mais além consoante os passos do visitante se dirigissem para o centro de África ou permanecessem no velho continente, ventanias que despenteiam os visitantes, chuvas africanas semelhantes a torrentes de águas tépidas arrancadas ao céu, folhas de árvores arrastadas de um lado para o outro, geadas poisando como uma mancha de seda sobre nichos de campos verdes, neves glaciares ilustrando a paciência do Grande Norte, agitação dos mares durante as tempestades, o aroma suave e fresco das vegetações, as neblinas da velha Hibernia, a *ruska* finlandesa — veloz e tão diferente da sueca, como se explicava — que deixava os escandinavos mergulhados na mais autêntica das depressões (porque anunciava a imensa noite do inverno), o silêncio das grandes pradarias ou o brilho luminoso e amarelado da estepe aguardando a vinda da neve e da aurora boreal. Mas, enfim, talvez o cadáver pudesse albergar-se sob o pavilhão de um país de média importância, até europeu, provavelmente, ou latino-americano, que seria ainda melhor e nada surpreendente — para não falar da representação israelita ou do pequeno mas agitado recinto da Madeira ou do que representava as regiões de Portugal. Mas a Quirguízia, que era um país jovem e não queria incidentes diplomáticos, daria que falar, muito mais do que um acidente na mostra da Nova Zelândia ou um atentado em terrenos atribuídos à Santa Sé.

«A Quirguízia não merecia isto», protestou em inglês, de pé, mal-equilibrado, um dos responsáveis da representação

nacional quirguíze, quando a polícia e os funcionários da exposição cercaram o pequeno recinto com uma fita de plástico a fingir de vedação, isolando a Quirguízia, impedindo-o momentaneamente de participar naquele gigantesco e científico concerto de nações. «Logo a Quirguízia», sublinhava o homem, em inglês e mangas de camisa, como se a proximidade do seu país em relação a Alma-Ata, à China ou ao Cazaquistão o devessem poupar à humilhação e ao incómodo da presença do cadáver. Nem o rápido e madrugador telefonema pessoal de um administrador da exposição o sossegou.

«O meu país não tem nada a ver com isto. Ninguém do meu país tem a ver com isto. Não queremos problemas.»

Alguém avançou no meio da multidão e, também de pé, com as mãos atrás das costas, voltado para o homem, disse uma frase numa língua desconhecida dos outros presentes. Depois outra e outra ainda, num emaranhado de palavras que soavam zangadas e a sarcasmo, ao mesmo tempo. Lentamente, levantou o braço direito e apontou um dedo, supostamente acusador, ao rosto do quirguíze. O quirguíze abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas preferiu, aparentemente, voltar-lhe as costas e refugiar-se atrás de um balcão do seu *stand*, enquanto o intruso esboçou um sorriso e se perdeu nos corredores do imenso pavilhão colorido.

Eram cinco horas, bom, cinco e doze, como se escreveria nos relatórios, quando soou o besouro que despertou o piquete de polícias estacionado no centro de operações e segurança. Também para eles fora um incómodo e uma surpresa recolher aquele corpo simulando um homem dobrado sobre si mesmo, de braços abertos e formando como que uma

concha protegendo a lama, que se lhe pegara, de uma imaginária ameaça vinda do céu. Às sete da manhã já pouco restava dessa nódoa curricular da jovem nação da Quirguízia, não fosse a improvisada vedação que impediria o acesso ao pavilhão até por volta do meio-dia, como garantia uma funcionária, vestida de azul e amarelo. «Ou até quando precisarmos», acrescentou a meia-voz um dos polícias à paisana que chegara por volta das seis. Este, guardou o pano azul e vermelho a que o corpo estivera abraçado até ser descoberto e entregou-o a outro homem que o seguia de um lado para o outro:

«Mete aí a bandeira do Barcelona.»

O outro dobrou-o como pôde, com a ponta dos dedos, para não se sujar com a lama ou com algum sangue, e meteu-o num saco de papel. Acocorou-se depois e, com a esferográfica, que não largara ainda, escreveu qualquer coisa na superfície de papel pardo enquanto falava para o que tinha ficado de pé:

«Se calhar é a do Salamanca, chefe. É o clube da casa. Mas podia ser do Extremadura.»

«Como for melhor», disse aquele que o outro tratara por chefe, olhando para o grupo que entretanto se formara junto da vedação do pavilhão da Quirguízia. «Então?»

Tirou um pacote de cigarrilhas do bolso esquerdo do blusão e serviu-se de uma, que levou à boca. Tossicou e repetiu:

«Então?»

Avançou um deles, o único que vestia fato completo e gravata:

«Estamos todos à sua disposição, mas acho que o melhor é aguardar pelo senhor administrador. Digamos que, nesta altura dos acontecimentos, o cenário não é muito agradável.

Talvez uma comunicação oficial fosse o melhor. É capaz de já se tratar do interesse nacional. Não que ele esteja em causa, mas enfim. Pelo menos é o interesse da exposição.»

«De facto. A que horas vem o seu administrador?»

«Deve estar a chegar. Há um pequeno-almoço de trabalho às oito e meia, mas deve ser anulado. Já tem dados sobre isto?»

«Os mesmos de há bocado. O nome, a idade, o sexo, o sítio onde nasceu, altura, pai e mãe, validade do bê-i. Não dá para muito. Faça alguma coisa com aquele russo, dê-lhe um calmante.»

«Não é russo. É da Quirguízia.»

«Onde fica a Quirguízia?»

«Na Ásia.»

«Mesmo assim. Faça como lhe digo, dê-lhe qualquer coisa. Vou ter de falar com ele agora, é melhor arranjar-me um intérprete. Que língua é que está a falar?»

«Russo, parece-me.»

«Vi logo», disse o inspetor Jaime Ramos antes de dar uma rápida meia-volta para acender a cigarrilha contra o vento. «E aquele tipo que apareceu aí a gritar com o russo?»

«Ah, isso», o assessor de imprensa encolheu os ombros tristemente. «Passam a vida naquilo. A princípio julguei que eram primos ou, enfim, familiares desavindos. Mas não. É um tajíque.»

«Tajíque?»

«Tajiquistão. Um país vizinho da Quirguízia. O intérprete explicou-me que os tajíques não gostam muito dos quirguízes. Questões de vizinhança. Dizem que são gente sem cultura, que armam sarilho em toda a parte, que nem deviam estar aqui.»

«Mas estão.»

«Está muita gente, inspetor. Se fôssemos ver a gente que está por aí, ficávamos espantados. De qualquer modo, está cá a Quirguízia.»

«Imagino. Eu já estou espantado e é a primeira vez que venho aqui. Não conhecia a Quirguízia», explicou o inspetor. «E que panos são aqueles? É mesmo a tal bandeira do Extremadura?»

«Não. A do Extremadura é azul e grená, como a do Barcelona. Aquilo é azul e vermelho. E o nosso clube, agora, é o Salamanca.»

«Ainda por cima.»

«Ainda por cima.»

2

ERA A SEGUNDA VEZ QUE ELE FALAVA SOBRE AS PLANÍCIES e o gado pastando rente aos lagos, sobre a estepe do Norte, as pequenas aldeias cobertas de neve. «Como podíamos ser assassinos? Chegar ao vosso país e matar.»

«Pergunte-lhe se é poeta», pediu Jaime Ramos.

O outro mexeu nos botões da camisa e encolheu os ombros, como se quisesse mostrar-se resignado.

«Você é que sabe.»

Olhou para o homem sentado do outro lado da mesa, a cabeça apoiada nas duas mãos abertas de modo a ocultar-lhe um dos lados da cara e todo o queixo, e perguntou-lhe. Depois escutou a resposta, confirmando com a cabeça que a entendia no idioma usado apenas pelos dois e a coberto da indelicadeza do polícia, e traduziu para Jaime Ramos:

«Ele diz que não. Que não é poeta. Mas pergunta se o senhor é polícia ou se está a fazer pouco dele.»

«A fazer pouco dele?»

«Ou isso. A gozá-lo. Veja bem: o pobre do homem veio da Quirguízia há duas semanas, passa todos os dias entre o apartamento da Expo e o *stand* dele, a arrumar caixas, verificar

a eletricidade, se está tudo no lugar, por aí fora, e você pergunta-lhe se ele escreveu sonetos...»

«Podem não ter sido sonetos. Hoje em dia, com o verso livre, fazem-se coisas tremendas.»

O intérprete abriu muito os olhos, arregalou-os, mas não disse nada.

«Você é que sabe», repetiu. «E agora, que é que eu faço?»

«Vá mijar.»

«Como?»

«Vá mijar, que eu fico com ele», disse Jaime Ramos enquanto recolhia a cigarrilha de um cinzeiro de plástico. «Cá nos havemos de entender.»

O homem levantou-se, disse qualquer coisa em russo para o que estava sentado, acenou-lhe e pegou no casaco, pendurado nas costas da cadeira. Jaime Ramos sorriu para o delegado da Quirguízia e fez-lhe sinal para se manter quieto e sentado. O outro deve ter percebido porque sorriu também, com ar entendido e cúmplice, e abriu as mãos para lhe mostrar que, por ele, podia ficar descansado, dormiria até, porque fora acordado de madrugada para lhe mostrarem o espetáculo. Aquele dia tinha-lhe consumido as forças que lhe restavam depois da montagem do pavilhão e, se pudesse dizer isto em português, diria que se estava nas tintas para as perguntas da polícia portuguesa. Jaime Ramos levantou-se, olhou pelo vidro da porta e viu que não havia ninguém no corredor. Voltou-se para ele, sentou-se de novo, sorriu-lhe e disse-lhe: «*You can go.*» «*Now? Right now?*» O quirguíze não percebeu o que significava «ai o caralho, vai-te lá embora» que, pelo som, lhe parecia ter sido o que fora dito pelo português, mas levantou-se

e agradeceu-lhe em russo. O polícia disse ainda qualquer coisa, mas ele nunca seria capaz de reproduzir a frase.

Quando ficou sozinho, Jaime Ramos tossiu e começou por acender uma nova cigarrilha. O carregamento de *Ilhéus* tinha acabado e seria bom que alguém lhas trouxesse dos Açores. De contrário, teria de fumar outra coisa. Fuma-se sempre qualquer coisa, ainda que, pela exposição fora, os sinais de «proibido fumar» se tivessem multiplicado à medida que ia percorrendo corredores, salas de reunião, armazéns, vãos de escada que davam para outros corredores, gabinetes transformados em quartéis-generais de um exército disciplinado e invadido por patentes de engenheiros, doutores, arquitetos, administradores, assessores, secretárias, assistentes, diligentes funcionárias equipadas a rigor que transportavam cafés, águas minerais, relatórios e mapas onde ia assinalando os lugares a visitar.

Ao fim da manhã considerava o assunto encerrado. Quando o quirguíze começou a responder às perguntas daquele interrogatório, percebeu que não tinha nada reunido a não ser a identificação do cadáver, e uma identificação era pouco para um caso como aquele: Rosa de Almeida Mendes não significava nada, rigorosamente nada, nem os seus vinte e oito anos, nem o facto de ter nascido em Lisboa. O corpo, depositado sobre a maca e coberto pelo plástico, saíra pela rua que ia dar à gigantesca torre-chaminé da antiga petroquímica, silenciosa e discretamente. Não fora um pedido estranho e compreendeu o olhar de angústia do homem que, apesar das olheiras, falava em nome da Expo e insistia na discrição.

«O senhor compreende. Três coisas destas podem dar cabo da exposição. Vamos fazer um comunicado à imprensa a meio

da manhã. Bom, ao meio-dia seria melhor, caso pudéssemos esperar. Por volta do meio-dia. Três mortos assim, desta maneira, são um prejuízo. O que não vai haver de boatos.»

«É uma boa ideia», murmurou, mas o homem da Expo não o ouviu, porque sentia a ameaça dos jornais, dos microfones, dos telejornais e dos visitantes. O Centro de Imprensa, também ele a dois passos da Quirguízia, adormecido ainda, era a maior ameaça àquela hora. «Mas o que me interessa é isto.»

O homem da Expo que se apresentara como responsável pela imprensa olhou para os papéis que o polícia lhe mostrava e sobre os quais tinha pousado um dedo indicador tamborilante.

«Esta senhora era funcionária da casa.»

«Não.»

«Sim. E isso não é lá muito bom. Onde é o Jardim das Rolas?»

«Cabeço das Rolas. Ao fundo da avenida principal, o jardim lá no alto. Vê-se tudo de lá. Desenhado pelo arquiteto Ribeiro Telles.»

Mas Jaime Ramos já sabia. Soube-o pelo primeiro olhar do médico que, no interior da própria ambulância onde Rosa de Almeida Mendes tinha sido depositada, pediu para recolherem a lama que secara ao longo das roupas da mulher e que lhe tapava um pouco do lado esquerdo do rosto, aquele que estivera voltado para baixo.

«Veja, inspetor.»

Ele viu. Isso bastou-lhe. A mancha esbranquiçada e arenosa dos terrenos em volta não condizia com o depósito amarelado-escuro e polido que o corpo trouxera agarrado como uma

película incómoda e até desnecessária. Porque sem ela poderia saber-se à primeira vista que se tratava de um corpo de mulher. Com a lama, tratava-se de um cadáver apenas, agarrado a uns panos azuis e vermelhos, um cadáver sem distinção de género e de qualidade, um pouco dobrado — decúbito dorsal, diria depois o médico no relatório — sobre si próprio. Fora preciso olhar uns segundos mais, à luz azulada do amanhecer refletida sobre o Tejo, para perceber os contornos dos lábios, a pele supostamente delicada do rosto, os seios que se adivinhavam sob a camisa verde, o tamanho dos pés, o que fora a cintura de uma mulher. E, olhando mais atentamente, aquele pormenor um pouco acima do estômago, um pormenor apenas, uma pequena elevação por onde a mancha escura de sangue começara a alastrar, misturando-se com a roupa, a lama e os panos que já tinham sido retirados, e que toda a gente saberia dizer que se tratava de um orifício, afinal, aquilo que os técnicos descreveriam assim mesmo, como o orifício de entrada do projétil que poderia estar alojado entre uma vértebra e outra, depois se veria essa coisa tão banal, haver um orifício preparadinho para que a bala entrasse, não fosse, porém, existir um outro, o orifício de saída do mesmo projétil.

E, de repente, na memória de Jaime Ramos explodiram fotografias antigas, retratos a preto-e-branco de outros corpos, de outro chão, de outras mulheres. Mas isso acontecia-lhe sempre que se chamava a si próprio (porque um inspetor tem os papéis para cuidar, os agentes que sujem as mãos) a verificar que as leis do homicídio, para um polícia, são muito semelhantes de caso para caso. Ora um corpo, ora dois, mas pouco mais do que isso. Às vezes, havia pormenores, é certo: um rosto

irreconhecível, um ventre esfaqueado, um olhar esbugalhado. Mas o essencial estava ali no chão, quase sempre.

Neste caso, o pormenor era outro, no entanto, e bastou que o médico desapertasse o segundo botão das calças da rapariga (porque o primeiro estava solto) para se notar que entre o tecido e a pele não havia nada, não havia roupa interior. Jaime Ramos já tinha notado essa ausência em outras mulheres, claro, mas não nestas circunstâncias.